

# Minas confirma primeiro caso de varíola dos macacos

### Infecção foi atestada em paciente de 33 anos, que chegou da Europa no domingo. Estado ainda investiga três suspeitas. No Brasil, já são 22 registros da doença, a maioria em SP

BERNARDO ESTILAC

Com a primeira confirmação de caso da doença ontem, Minas Gerais se tornou o quarto estado brasileiro com registro de varíola dos macacos. A doença já tem mais de 3.400 ocorrências ao redor do mundo, mas, até então, não foi classificada como uma emergência global pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para o especialista ouvido pelo Estado de Minas, o avanço do vírus merece atenção.

O caso confirmado em Minas é de um homem de 33 anos, morador de Belo Horizonte. Ele chegou da Europa no domingo e teve a confirmação da infecção atestada pelo Ministério da Saúde ontem. A Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG) monitora as pessoas que tiveram contato com o paciente, mas não houve identificação de nenhum outro episódio relacionado. Além da infecção comprovada, Minas investiga três casos suspeitos, de moradores de Varginha (Sul de Minas). Pará de Minas (Centro-Oeste) e Ituz de Fora (Zona da Mata). Nenhum deles viajou ao exterior, mas vale lembrar que já há a comprovação de transmissão local da varíola dos macacos no Brasil.

Segundo o Ministério da Saúde, outros 21 casos foram confirmados no país. Minas Gerais é o quarto estado com pacientes com a varíola dos macacos, que já havia sido diagnosticada em São Paulo (14), Rio de Janeiro (5) e Rio Grande do Sul (2). Os casos com transmissão comunitária foram identificados no RJ e em SP.

A SES-MG já descartou 7 suspeitas da varíola dos macacos no estado: três de Belo Horizonte, dois de Ituiutaba, um de Ribeirão das Neves e um de Ouro Preto. Causada por um vírus da mesma família da varíola humana, a variação 'monkeypox' é

menos nociva à saúde. Os sintomas costumam ser leves e duram cerca de três semanas.

Para o infectologista e diretor médico da Target Medicina de Precisão, Adelino de Melo Freire Júnior, o fato do caso confirmado em Minas ter vindo da Europa, ponto de grande disseminação do vírus monkeypox, é um fator positivo do ponto de vista epidemiológico.

"É mais simples do que os casos em investigação que não viajaram. Contrair a doença aqui sinaliza uma transmissão comunitária, quando o vírus já está circulando. É um cenário mais otimista", avalia, se referindo aos três casos que ainda estão sendo investigados no estado, todos sem viagens recentes ao exterior.

Ainda assim, o médico chama a atenção para a necessidade de monitoramento das pessoas que tiveram contato com o paciente nos últimos dias. O homem está isolado e com quadro estável e as pessoas próximas estão sendo acompanhadas, segundo a Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG).

"É preciso que as autoridades sanitárias façam o rastreamento dos contatos para que a gente possa conter uma possível disseminação vinda desse caso. Como é uma doença que tem um período de incubação mais longo, é importante rastrear quem teve um contato mais próximo com a pessoa, mesmo antes dos sintomas", explica.

O infectologista ressalta que, com um trânsito intenso de pessoas entre os países, a transmissão da doença é de difícil controle. A chegada de uma pessoa com a varíola humana em BH após visita à Europa sinaliza este ponto.

**SINTOMAS E TRANSMISSÃO**  
Embora as lesões na pele sejam o sintoma mais reconhecível da varíola dos macacos, elas não são a única forma de manifestação do vírus. O infecto-

logista Adelino Freire explica que a pessoa pode ter febre, inchaço nos gânglios e mal-estar antes mesmo das feridas cutâneas, que podem nem aparecer, inclusive.

Ainda assim, o especialista destaca que as lesões são frequentes e é mais comum que elas surjam em casos da doença. "Elas podem aparecer na região genital e também em outros locais do corpo. Inicialmente são bolhas que depois evoluem para uma aparência de infecção, com aspecto amarelado, e depois ela vira uma ferida. Se parece com a lesão de catapora, porém se espalha de forma diferente".

Reconhecer os sintomas é um passo importante para que a pessoa busque atendimento médico e evite transmitir o vírus para outras pessoas. "As pessoas precisam ter consciência sobre essa situação. A doença é transmitida por contato mais próximo, gotículas, existe uma possibilidade de transmissão sexual, mas, de forma geral, o contato íntimo permite a transmissão também. Então o que tem se orientado nesse momento é importante que quem tem algum sintoma e apresenta alguma lesão de pele deve procurar um centro médico", complementa.

**CENÁRIO PEDE ATENÇÃO**  
A OMS se reuniu esta semana e não declarou um estado de atenção especial por entender que alguns critérios ainda não tinham sido atingidos, mas é uma situação que pode ser questionada e merece atenção sim", afirma o infectologista.

Adelino Freire completa destacando que o vírus não tem impacto comparável ao da erradicada varíola humana e é menos letal que a COVID-19, por exemplo. Ainda assim, o avanço da varíola dos macacos merece cuidado e a doença pode significar um risco, em especial, para pessoas imunossuprimidas.

## CONHEÇA A DOENÇA

Confira o que é, como se transmite e onde a varíola dos macacos já foi detectada no Brasil

**■ O QUE É**  
A varíola dos macacos é considerada uma zoonose viral (o vírus é transmitido aos seres humanos a partir de animais) com sintomas muito semelhantes aos observados em pacientes com varíola - doença já erradicada -, embora seja clinicamente menos grave. Há transmissão também de humano para humano. O período de incubação da varíola dos macacos é geralmente de seis a 13 dias, mas pode variar de cinco a 21 dias, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

**■ TRANSMISSÃO**  
A doença é transmitida pelo vírus monkeypox, que pertence ao gênero orthopoxvirus. A transmissão ocorre por contato próximo com lesões, fluidos corporais, gotículas respiratórias e materiais contaminados, como roupas de cama. A transmissão de humano para humano ocorre entre pessoas com contato físico próximo, incluindo sexual, com casos sintomáticos.

**■ O NOME**  
O nome monkeypox se origina da descoberta inicial do vírus em macacos em um laboratório dinamarquês em 1958. O primeiro caso humano foi identificado em uma criança na República Democrática do Congo em 1970. Atualmente, segundo a OMS, a maioria dos animais suscetíveis a este tipo de varíola são roedores, como ratos e cães-da-pradaria.

**■ COMO EVITAR**  
O contato próximo com pessoas infectadas ou materiais contaminados deve ser evitado. Luvas e outras roupas e equipamentos de proteção individual devem ser usados ao cuidar dos doentes, seja em uma unidade de saúde ou em casa.

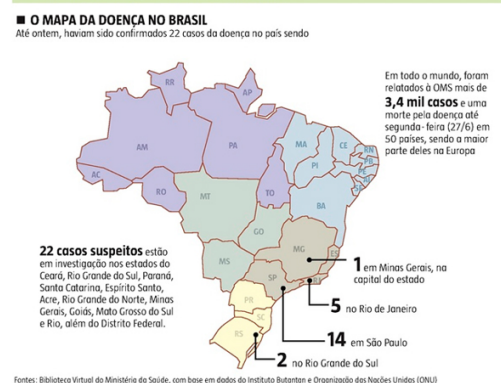
**■ SINTOMAS**

- Pústulas (bolhas) na pele de forma aguda e inexplicável
- Dor de cabeça
- Febre acima de 38,5°C
- Linfonodos inchados
- Dores musculares e fraqueza no corpo
- Dor nas costas e fraqueza profunda

**■ DIAGNÓSTICO E CONFIRMAÇÃO**  
O diagnóstico é feito por exames clínicos, histórico de viagens para um país endêmico nos 21 dias anteriores ao aparecimento dos sintomas e/ou de contato próximo com possíveis infectados no mesmo período e/ou ter resultado positivo para um teste sorológico de orthopoxvirus na ausência de vacinação contra varíola ou outra exposição conhecida ao vírus. A confirmação laboratorial para o vírus da varíola dos macacos é feita por meio do exame PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) em tempo real e/ou sequenciamento.

**■ VACINAS**  
A vacina contra a varíola tradicional é eficaz também para a varíola dos macacos. Mas, segundo a OMS, pessoas com 50 anos ou menos podem estar mais suscetíveis, já que as campanhas de vacinação contra a varíola foram interrompidas pelo mundo quando a doença foi erradicada em 1980.

**■ O MAPA DA DOENÇA NO BRASIL**  
Até ontem, haviam sido confirmados 22 casos da doença no país sendo



Profissional de saúde examina mãos de passageiro em aeroporto internacional na Índia: descê mato, a OMS já recebeu mais de 3.400 notificações de casos, que se espalham por 50 países

## Especialista defende prevenção para evitar formas agressivas

Especialista em pox virus e integrante da Câmara POX-MCTI, a professora Giliane Trindade afirma que é importante evitar a transmissão para que não seja desenvolvida uma doença mais agressiva. Para monitorar o avanço da doença no Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) criou a Câmara POX-MCTI que conta com seis pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com especialistas que vão monitorar a evolução da doença na Europa e os casos confirmados no Brasil. Giliane também disse que "é um bom sinal que a contaminação do paciente tenha ocorrido no exterior, pois mostra ainda não houve uma transmissão comunitária", mas alertou que quem teve contato com o paciente nas últimas três semanas deve procurar realizar exames, principalmente se tiver entrado em contato com lesões na pele, objetos contaminados, saliva, sêmen ou outros fluidos corporais. "É fundamental o isolamento do infectado para evitar que a doença seja transmitida", afirmou Giliane. A professora disse que é importante que "os gestores sejam informados sobre a necessidade de aplicação da vacina e que haja estímulo para que laboratórios nacionais façam a pesquisa e produzam imunizantes". Já existem imunizantes para prevenir a doença, mas nenhum deles está disponível no Brasil. O vírus que causa a "varíola dos macacos" é originário da África e, neste ano, começou a ser disseminado em países europeus. Além do isolamento da pessoa contaminada, aconselha-se evitar contato com animais e fazer a higiene frequente das mãos. A doença não oferece graves riscos para as pessoas, sendo que a letalidade varia de 1% a 10% dependendo do paciente e do vírus, mas, segundo a pesquisadora, deve-se ficar atento para que a doença não se torne mais virulenta.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Gerais **Página:** 13